Empresas & Negócios do AGRO
agronegocio@netjen.com.br
São Paulo, quarta-feira, 11 de novembro de 2026

Tabela nutricional dos queijos

A Tirolez, marca brasileira Nº 1 em queijos do Brasil, dá continuidade ao projeto Tirolez Escola do Queijo, uma série de vídeos criada para compartilhar informações e curiosidades sobre o universo dos queijos. No décimo episódio, o tema é a tabela nutricional, que traz informações importantes sobre a composição dos alimentos (https://www.instagram.com/tirolezqueijos/).

Casa Perini/Divulgação



DA VISITA À ESCOLHA DA GARRAFA

ENOTURISMO TRANSFORMA A RELAÇÃO DOS BRASILEIROS COM O VINHO

Visitar uma vinícola pode influenciar a maneira como o brasileiro escolhe e consome vinho. Em um mercado no qual a falta de familiaridade com a bebida ainda representa uma barreira para parte do público, o enoturismo ganha relevância como oportunidade de aprendizado e aproximação com o produto. Pesquisa do Instituto MDA, divulgada pelo Sebrae em 2025, aponta que 20% dos entrevistados identificam a falta de conhecimento sobre tipos de vinho e harmonizações como um dos obstáculos ao consumo mais frequente. Na Casa Perini, em Farroupilha, na Serra Gaúcha, a visitação cresceu cerca de 20% em 2025, na comparação com o ano anterior, refletindo o interesse do público por experiências que permitem conhecer de perto o universo da produção vitivinícola.

O interesse por atividades ligadas à gastronomia e ao turismo proporciona novas formas de conhecer os produtos e suas origens. No universo do vinho, essa vivência permite compreender as características das uvas, a influência do território e aspectos sensoriais como acidez, aromas e estrutura. Mais do que apresentar rótulos, as visitas oferecem referências que podem orientar futuras decisões de compra.

Na avaliação da Casa Perini, a experiência também estimula a curiosidade por variedades e estilos menos habituais.

Experiência interativa mostra como funciona a destinação de embalagens vazias de defensivos agrícolas no Brasil

O inpEV (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias), em parceria com o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), lançou um Tour Virtual sobre a devolução de embalagens vazias de defensivos agrícolas, que utiliza a realidade virtual para mostrar as principais etapas da logística reversa, desde a tríplice lavagem realizada no campo até a destinação final das embalagens. A ferramenta foi desenvolvida para ajudar produtores rurais, estudantes e outros públicos a conhecer o funcionamento do processo, tirar dúvidas e compreender melhor o papel de cada elo do Sistema Campo Limpo, o programa de logística reversa de embalagens vazias e sobras pós-consumo de defensivos agrícolas.

Disponível na plataforma EAD Sistema Campo Limpo, ambiente de educação a distância que reúne e gerencia conteúdos de capacitação dos projetos do Sistema, o curso amplia o acesso às informações sobre a logística reversa para além das ações presenciais e permite que o público conheça, de forma interativa, as etapas envolvidas na destinação ambientalmente correta das embalagens.

IA pode cortar custos do agro em até 20% e atrai investimento do setor

Imagem do Magnific



A inteligência artificial pode reduzir entre 10% e 20% os custos operacionais de uma fazenda, segundo o relatório Global Farmer Insights 2026, da McKinsey & Company. Em aplicações específicas, como o uso de defensivos e herbicidas, a economia pode chegar a 90%. O potencial de redução de despesas acompanha o interesse crescente do setor pela tecnologia, segundo a pesquisa A Reinvenção do Agronegócio Brasileiro, da PwC Brasil, 78% dos CEOs do agronegócio planejam investir na integração da IA com plataformas tecnológicas nos próximos meses, ante 69% na média dos demais segmentos.

Para Henrique Galvani, CEO da Arara Seed, plataforma de investimento coletivo focada em startups de agro, food e climate techs, a inteligência artificial pode ajudar o setor a responder a desafios de produtividade, eficiência operacional e adaptação às mudanças climáticas. "Os dados demonstram que o agronegócio brasileiro está mais atento às novas tecnologias, especialmente em um cenário marcado pelas mudanças climáticas e pela necessidade de adaptação constante. A IA oferece soluções que permitem aos produtores enfrentar esses desafios e, ao mesmo tempo, aumentar a resiliência e a eficiência da produção", afirma.

Entre as aplicações da tecnologia estão o monitoramento de lavouras por drones, a recomendação de fertilizantes com base em análises de solo e a previsão de colheitas a partir de dados climáticos e das plantas. A IA também pode apoiar o controle da irrigação, a identificação de pragas e a antecipação de riscos, contribuindo para o uso mais preciso de insumos e recursos naturais.

Apesar do potencial, a adoção dessas ferramentas ainda enfrenta obstáculos, como a falta de conectividade estável e de dados disponíveis em parte das propriedades rurais. "Para combater os gargalos de conectividade e infraestrutura digital, as agtechs têm espaço para desenvolver soluções adaptadas às necessidades do campo, combinando inteligência artificial, sensores e análise de dados. O desafio é ampliar o acesso à tecnologia e transformar seu potencial em ganhos concretos de produtividade e redução de custos para produtores de diferentes portes", conclui o CEO da Arara Seed.

Webinar discute temas que estão redefinindo a produção animal

A produção animal vive um momento de transformações que vão além das práticas produtivas e envolvem questões como o uso responsável de antimicrobianos, o bem-estar animal, a sustentabilidade, as exigências regulatórias e as mudanças nas expectativas de mercado. Esses desafios e oportunidades para o setor estarão em debate durante o webinar "Antibióticos, bem-estar animal e além: os temas que estão redefinindo a produção animal", promovido pela Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA) no dia 19 de novembro, a partir das 10h30.

O evento reunirá especialistas e representantes da cadeia produtiva para discutir as conexões entre saúde animal, bem-estar, responsabilidade e competitividade, além de explorar tendências que podem impactar a produção brasileira e o acesso das proteínas de origem animal aos mercados internacionais.

"Vamos abordar os desafios do setor que precisamos antecipar, o que os sinais do mercado indicam e como preparar a produção brasileira para as novas realidades. Será uma conversa sobre tendências, liderança e caminhos para construir o futuro da produção animal", afirma a diretora-executiva da COBEA, Elisa Tjarnstrom (https://bit.ly/4z7sxHE).

Destaque I

Gwengoat_CANVA



Curso gratuito sobre conceito, certificação e mercado Halal

A International Halal Academy (IHA), primeiro instituto privado da América Latina especializado na formação e qualificação de profissionais para o mercado Halal, realizará no próximo dia 19 de novembro mais uma edição do Curso de Capacitação e Conscientização Halal – Industrial e Frigoríficos. A formação acontecerá das 9h às 11h30, em formato online e ao vivo, pela plataforma Zoom, com inscrições gratuitas e abertas ao público. O curso é voltado a profissionais, empresários, estudantes e demais interessados em compreender melhor o ecossistema Halal e suas oportunidades de mercado. Abordará conceitos fundamentais relacionados à produção industrial, certificação e exigências do consumidor muçulmano, além de conceitos básicos sobre a religião islâmica. Terá tradução simultânea para o espanhol e emissão de certificado aos participantes (https://academiahalal-br.zoom.us/webinar/register/WN_GC5Q9KGkRYSpFgaeaH8Ccw#/registrationhttps://academiahalal-br.zoom.us/webinar/register/WN_S6mcXvtwQMyXs-a4mTH-ZQ).

Destaque II

Divulgação: CCBC



Summit Brasil-Canadá 2026

A Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC) realiza nesta quinta-feira, dia 12 de novembro, a partir das 13h, na ESPM, em São Paulo, o Summit Brasil-Canadá 2026, com o tema Brasil, Canadá e o Agronegócio – Novas Fronteiras. Coorganizado pela ESPM, o encontro gratuito reúne executivos, autoridades e especialistas dos dois países para discutir como tecnologia, segurança no fornecimento de insumos e novas rotas comerciais redefinem a competitividade do agro brasileiro. A escolha do tema acompanha o peso do agro na relação bilateral. O Brasil importa cerca de 85% dos fertilizantes que consome, e o Canadá responde por 49,5% do cloreto de potássio comprado pelo país. Segundo a Quick Trade Facts (QTF), estudo da Inteligência de Mercado da CCBC, os fertilizantes representaram mais da metade dos US$ 2,72 bilhões importados do Canadá de janeiro a setembro de 2026. Já o estoque de investimento direto canadense no Brasil somou US$ 32,3 bilhões em 2025, o maior valor desde 2010 (com.br/evento/summit-brasil-canada-2026).

BNDES aprova R$ 356,5 mi em projeto piloto de produção de proteína de alto teor

O BNDES aprovou dois financiamentos, que somam R$ 356,5 milhões, para a Dual Duarte Albuquerque Comércio e Indústria Ltda. realizar investimentos em sua unidade de Pedra Preta (MT). Uma das operações, no valor de R$ 271,6 milhões, destina-se à implantação de uma fábrica pioneira de farelo de caroço de algodão para alimentação animal, com teor de proteína maior do que 60% e baixo teor de gossipol — composto natural encontrado na planta.

Acre quase dobra o número de empresas do agro em três anos

O número de empresas do agronegócio no Acre, sem contar os produtores rurais, passou de 5.445 em 2022 para 10.020 em 2025, alta de 84,0% que é a maior do país, seguida pelas do Amapá (82,2%) e de Roraima (69,3%). No outro extremo, São Paulo reúne 1.379.863 empresas, 39,0% de toda a base nacional, e não aparece entre os dez estados que mais cresceram. Os dados estão na quarta edição do estudo Agronegócio em Números, feita pelo IBPT em parceria com o Empresômetro, que também mapeou o produtor rural por unidade da federação e mediu o custo do frete de soja e milho nas principais rotas do país.

Produtores brasileiros de ovos recebem o Prêmio Produção Sem Gaiolas

A Compassion in World Farming celebrou a cerimônia de premiação dos Prêmios de Bem-Estar Animal, realizada em Bruxelas, em 4 de novembro. Ao todo, 44 vencedores foram reconhecidos por sua liderança na promoção de padrões mais elevados de bem-estar animal. Duas empresas brasileiras produtoras de ovos, Korin e Sunny Eggs, receberam, cada uma, o Prêmio Produção Sem Gaiolas, em reconhecimento ao compromisso com o avanço da produção de ovos livres de gaiolas no Brasil.



Calor desafia produção de ovos e reforça importância da nutrição das poedeiras

Com a chegada do verão e o aumento das temperaturas, os produtores de ovos enfrentam um desafio que pode comprometer o desempenho das galinhas poedeiras: o estresse térmico. A exposição ao calor excessivo afeta o consumo de ração, o metabolismo e o equilíbrio fisiológico das aves, com possíveis consequências para a quantidade de ovos produzidos, o peso e a resistência da casca. Nesse cenário, o planejamento nutricional, associado ao manejo ambiental, torna-se uma ferramenta para preservar a produtividade e reduzir perdas nas granjas. A atenção ao tema ocorre em um momento de expansão da avicultura de postura brasileira. Segundo o IBGE, o país produziu 4,95 bilhões de dúzias de ovos em 2025, crescimento de 5,7% em relação ao ano anterior. O resultado representa o 28º recorde anual consecutivo da série histórica da Pesquisa da Produção de Ovos de Galinha. No primeiro trimestre de 2026, a produção alcançou 1,21 bilhão de dúzias, alta de 0,4% na comparação com o mesmo período de 2025 (www.adm.com).

OPINIÃO

O cacau se valoriza, mas essa conta precisa chegar ao produtor

Paulo Gonçalves (*)

O mercado de cacau voltou a dar sinais de pressão. De um lado, o processamento cresce em importantes regiões consumidoras. De outro, o clima mantém dúvidas sobre a oferta das próximas safras. Para quem acompanha o setor, esse movimento traz uma pergunta que precisa ganhar mais espaço: quanto dessa valorização chega, de fato, a quem produz?

Os números recentes ajudam a entender o cenário. Segundo reportagem da Reuters publicada pela Forbes em 16 de outubro, o processamento de cacau no terceiro trimestre cresceu 3,2% na Europa e 29,22% na Ásia, na comparação anual. Os resultados superaram as expectativas citadas na matéria e contribuíram para sustentar as cotações internacionais próximas das máximas de um mês. São sinais de maior atividade industrial, embora não representem, por si só, um aumento equivalente nas vendas de chocolate ao consumidor.

Ao mesmo tempo, há pouco espaço para frustrações na produção. Uma projeção da StoneX sobre os riscos climáticos para a safra 2026/27, aponta um superávit global de apenas 25 mil toneladas. Esse saldo pode desaparecer se o clima prejudicar as colheitas. É uma estimativa, sujeita a revisões, mas suficiente para mostrar como o equilíbrio entre oferta e demanda permanece delicado.

Minha preocupação é que a valorização nas bolsas seja interpretada como sinônimo de boa remuneração no campo. Na prática, essa relação não é automática. Na minha avaliação, o preço pago pelo cacau brasileiro não está reconhecendo adequadamente seu valor. Há deságio, e precisamos discutir com mais transparência como ele é formado e quais critérios justificam os descontos aplicados.

Isso não significa defender que toda amêndoa tenha o mesmo preço. Qualidade, condições comerciais, logística e características de cada lote precisam entrar na conta. O problema aparece quando o produtor investe para entregar um cacau melhor e não encontra uma remuneração que reconheça esse esforço.

Produzir qualidade exige trabalho antes e depois da colheita. Envolve manejo, seleção dos frutos, fermentação, secagem e armazenamento. Cada etapa demanda tempo, conhecimento e recursos. Quando esse cuidado não é valorizado na negociação, enfraquecemos o investimento que deveria sustentar o futuro do setor.

Para mim, essa é uma das contradições mais importantes do mercado. Falamos sobre o risco de faltar cacau, mas precisamos olhar também para as condições oferecidas a quem continuará produzindo. Uma cadeia que exige produtividade, rastreabilidade e qualidade precisa criar condições econômicas para que essas entregas sejam possíveis.

Na indústria do chocolate, a instabilidade também exige decisões difíceis. Oscilações na matéria-prima afetam compras, estoques, planejamento e margens. O consumidor, por sua vez, tem um orçamento limitado. Conciliar esses interesses faz parte do negócio, mas acredito que preservar a qualidade e explicar o valor do produto são caminhos mais consistentes para construir confiança.

O cacau precisa ser reconhecido como parte central da identidade do chocolate. Sua origem, o cuidado no processamento e suas características sensoriais devem ter espaço na conversa com o público. Quanto melhor o consumidor compreender o que existe por trás de uma barra, mais elementos terá para avaliar o que está comprando.

Esse trabalho também exige coerência das empresas. Se defendemos a origem e a qualidade como diferenciais, precisamos considerar como esses atributos são reconhecidos nas relações comerciais com o campo. A valorização não pode aparecer apenas na embalagem.

Acredito que o momento pede relações mais próximas entre produtores e indústria, critérios claros de compra e maior previsibilidade. Isso ajuda o agricultor a planejar investimentos e permite que o fabricante desenvolva produtos com mais segurança sobre a matéria-prima que terá à disposição.

O debate sobre o futuro do chocolate precisa incluir quem cultiva o cacau. A cotação internacional chama atenção, mas é o preço efetivamente recebido pelo produtor que influencia sua capacidade de cuidar da lavoura, melhorar a qualidade e seguir produzindo. Se queremos um setor mais forte, essa conta precisa fechar desde o campo.

(*) Fundador da Espírito Cacau e terceira geração de uma família capixaba ligada à produção de cacau.

Pecuária brasileira busca elevar produtividade com avanço da genética de corte

Vendas de sêmen de corte cresceram 16,9% em meio à busca por maior eficiência e rentabilidade dos rebanhos

Fazenda Santa Izabel



A busca por maior produtividade e rentabilidade tem ampliado a importância da seleção genética na pecuária de corte brasileira. Com a valorização dos animais de reposição, produzir mais e melhorar o aproveitamento de cada bovino são desafios cada vez mais relevantes para os pecuaristas. Dados divulgados em setembro pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a produção de carcaças bovinas cresceu 3% no segundo trimestre de 2026, em comparação com o mesmo período do ano anterior, alcançando 2,76 milhões de toneladas.

O avanço da produção foi proporcionalmente superior ao aumento do número de animais abatidos, que cresceu 1,3% no mesmo período. Com isso, o peso médio das carcaças passou de aproximadamente 253 para 257 quilos por bovino. Ainda que esse resultado não possa ser atribuído exclusivamente à genética, ele reforça a discussão sobre a importância de combinar melhoramento genético, nutrição e manejo para elevar a eficiência produtiva.

Para José Soares Cardoso Neto, empresário e agropecuarista à frente da Fazenda Santa Izabel, em Cafeara (PR), o cenário exige uma mudança na forma como os pecuaristas planejam os investimentos em melhoramento genético. "Com a reposição mais cara, a escolha da genética passa a ter um peso ainda maior no planejamento da propriedade. Não basta olhar o preço de compra de um animal ou de uma dose de sêmen. É preciso considerar o desempenho dos descendentes, a capacidade reprodutiva das matrizes e o resultado que esse investimento pode trazer ao longo dos próximos ciclos produtivos", avalia.

O interesse pelo melhoramento genético também aparece nos indicadores do setor. Conforme a Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia), as vendas de sêmen de corte cresceram 16,9% no primeiro semestre de 2026, em comparação com o mesmo período de 2025. O resultado sinaliza maior movimentação no mercado de genética bovina e acompanha a busca dos produtores por animais com características adequadas aos seus sistemas de produção.

> "Com a reposição mais cara, a escolha da genética passa a ter um peso ainda maior no planejamento da propriedade.

Genética como estratégia de produção

Mais do que selecionar animais com maior potencial de ganho de peso, o desafio dos pecuaristas é identificar quais características efetivamente se traduzem em melhores resultados econômicos. Fertilidade, facilidade de parto, habilidade materna e adaptação ao ambiente influenciam os custos de produção, enquanto rendimento de carcaça e qualidade da carne podem interferir na remuneração recebida pelo produtor.

Na Fazenda Santa Izabel, a experiência de mais de cinco décadas com seleção genética de diferentes raças levou ao desenvolvimento de uma nova frente de cruzamentos. A iniciativa combina touros Texas Longhorn com matrizes meio-sangue Angus e Nelore, em um sistema conhecido como tricross, para estudar o desempenho dos descendentes na pecuária de corte brasileira.

O projeto já avançou das primeiras etapas de reprodução para os testes de desempenho produtivo. Segundo Neto, a fazenda realizou abates experimentais e exames de marmoreio em animais no Brasil e nos Estados Unidos. Os dados ainda estão sendo consolidados para permitir uma análise mais abrangente do potencial dos cruzamentos.

A próxima etapa deverá reunir aproximadamente 300 animais para ampliar a base de dados sobre rendimento de carcaça, marmoreio e regularidade de produção. Os resultados deverão contribuir para avaliar a viabilidade comercial dos cruzamentos e orientar o desenvolvimento do projeto.

"O potencial da raça nos interessa, mas precisamos demonstrar que ele pode se traduzir em resultados econômicos. Queremos entender se esses cruzamentos podem oferecer vantagens para o produtor e para a indústria frigorífica. É isso que poderá abrir espaço para o Texas Longhorn na pecuária de corte brasileira", afirma Neto.

A expansão do melhoramento genético na pecuária de corte dependerá não apenas do desenvolvimento de novas combinações entre raças, mas também da capacidade de comprovar os resultados no campo. Indicadores de desempenho, custos de produção e remuneração da carne serão determinantes para que essas alternativas avancem dos projetos de seleção para uma aplicação comercial em maior escala.

Recorde de recuperações judiciais expõe pressão sobre empresas no Brasil

O número de empresas brasileiras em recuperação judicial chegou ao maior patamar da série histórica do Monitor RGF-BIZDOC, levantamento iniciado em 2023. Ao fim do segundo trimestre de 2026, 6.341 companhias estavam nessa situação na base restrita do estudo, que considera apenas empresas ativas e exclui microempresas e filiais. O estoque representa crescimento de 6,2% no primeiro semestre, mantendo a trajetória de alta observada nos últimos anos.

Considerando a base completa do levantamento, que reúne todos os CNPJs com registro de recuperação judicial, o avanço chegou a 8% no período. O cenário reflete a pressão sobre empresas de diferentes setores, diante de fatores como endividamento elevado, dificuldades de geração de caixa e mudanças nas condições de mercado.

O agronegócio é o setor que apresenta a pior evolução financeira entre os segmentos analisados. Segundo o Monitor, 1.263 empresas do agro estavam em recuperação judicial ao fim do primeiro semestre, alta de 21,4% em relação ao início do ano e de 66% em 12 meses. O segmento e sua cadeia representam, atualmente, uma em cada cinco empresas em recuperação judicial no país.

Casos de grandes companhias que recorreram a mecanismos de proteção contra credores ajudam a dimensionar o ambiente de deterioração financeira e a importância de estratégias de reestruturação capazes de preservar ativos e viabilizar a continuidade dos negócios. É nesse contexto que se insere a atuação da Fox Partners na reestruturação do Grupo Furlan, empresa familiar com mais de 100 anos de história e atuação no setor sucroalcooleiro.

Em recuperação judicial e diante da necessidade de reorganizar suas dívidas, o grupo encontrou na venda de uma de suas unidades, em Avaré (SP), uma alternativa para levantar recursos e cumprir compromissos com credores. A operação teve participação da Fox Partners, responsável pela assessoria financeira, de gestão e pela condução da venda do ativo.

Crédito: Anprovin



Marcelo Camorim, especialista em recuperação judicial e Diretor Executivo da Fox Partners

"Toda Recuperação Judicial para ter sucesso, tem de ser planejada com estratégia econômica, gestão e jurídica, sem estes termos a perenidade da companhia torna-se vulnerável. Além da negociação da dívida, nós tínhamos como estratégia a negociação de ativos para pagar essa dívida. Até porque a família estava na sua quinta geração e gostaria de continuar seu legado vencedor por mais de 100 anos no segmento sucroalcooleiro", explica Marcelo Camorim, especialista em recuperação judicial e Diretor Executivo da Fox Partners.

Além das negociações com credores concursais e extraconcursais para pagamento do plano de Recuperação Judicial, paralelo iniciamos a busca de investidores com capacidade financeira, interesse no ativo e compatibilidade com a operação. "Entre os investidores com quem conversamos, a Viralcool se destacou por apresentar uma maior sinergia e, culturalmente, tinha valores muito próximos do cliente", afirma.

A negociação resultou na estruturação da Unidade Produtiva Isolada (UPI) de Avaré, formada pela usina sucroenergética e pelas fazendas Cantão do Rio Pardo e Cascata. A operação foi aprovada pela Justiça e pelos credores na Assembléia e os recursos destinados ao pagamento de credores.

Camorim explica que o esforço da Fox Partners concentrou-se na integração entre a reestruturação financeira e a estratégia de venda, enquanto os advogados conduziram a estrutura jurídica da operação.

"Nós éramos responsáveis pela assessoria financeira, assessoria de gestão e assessoria na venda de ativos. Começamos a conduzir toda a parte comercial e negocial e, fechada essa parte, entraram os advogados estruturando a parte jurídica", resume Camorim.

Ação rápida do Biofor® ajuda no controle da mastite no gado leiteiro

A Chemitec Agro-Veterinária, empresa especializada em medicamentos e soluções inovadoras voltadas para a saúde de pequenos e grandes animais, possui em seu portfólio o Biofor, desinfetante referência para ambientes de produção. Com ação rápida contra germes, bactérias, fungos e vírus, o Biofor pode ser utilizado em equipamentos, instalações e diversas etapas do processo de criação, sendo um grande aliado no controle e na prevenção de doenças como a mastite.

"Uma das doenças mais comuns e prejudiciais ao gado leiteiro é a mastite. Causada por diferentes agentes infecciosos, além de fatores ambientais e de manejo, esta inflamação da glândula mamária compromete o bem-estar do animal, a qualidade do leite e a produtividade da propriedade. E a principal forma de prevenir o contágio é por meio dos cuidados com a higiene e a desinfecção", alerta o médico-veterinário e gerente regional da Chemitec Agro-Veterinária, Eduardo Bignami.

Segundo ele, para manter o ambiente adequado, é preciso utilizar um desinfetante que elimine ou reduza a presença dos microrganismos patogênicos, como bactérias, vírus e fungos, presentes nas instalações e em todos os equipamentos usados no manejo das vacas leiteiras.